

Os setenta anos esquecidos de Tiro

Jeff Pippenger

2023-08-12

Os setenta anos esquecidos de Tiro

Todos os profetas identificam o fim do mundo.

Cada um dos antigos profetas falou menos para o seu próprio tempo do que para o nosso, de modo que suas profecias permanecem válidas para nós. 'Agora, todas estas coisas lhes aconteceram como exemplos; e foram escritas para nossa admoestação, para quem chegaram os fins do mundo.' 1 Coríntios 10:11. 'Não para si mesmos, mas para nós, ministraram as coisas que agora vos foram anunciadas por aqueles que vos pregaram o evangelho pelo Espírito Santo enviado do céu; coisas nas quais os anjos desejam perscrutar.' 1 Pedro 1:12. . . .

"A Bíblia acumulou e reuniu seus tesouros para esta última geração. Todos os grandes acontecimentos e atos solenes da história do Antigo Testamento têm-se repetido e continuam a repetir-se na igreja nestes últimos dias." Mensagens Escolhidas, livro 3, 338, 339.

Todos os livros da Bíblia culminam no livro do Apocalipse.

"No Apocalipse todos os livros da Bíblia se encontram e se concluem." Atos dos Apóstolos, 585.

A mensagem final de advertência para os habitantes do planeta Terra é identificada em Apocalipse dezoito.

E depois destas coisas vi outro anjo descer do céu, com grande poder; e a terra foi iluminada com a sua glória. E ele clamou com forte voz, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia, e se tornou habitação de demônios, refúgio de todo espírito imundo, e gaiola de toda ave impura e detestável. Porque todas as nações beberam do vinho do furor da sua prostituição, e os reis da terra se prostituíram com ela, e os mercadores da terra enriqueceram com a abundância de suas delícias. Apocalipse 18:1-3.

A expressão "Babilônia, a Grande" representa a Igreja Católica Romana e, no capítulo vinte e três de Isaías, "Babilônia, a Grande" é representada como Tiro.

Peso de Tiro. Uivai, navios de Társis; porque está assolada, de modo que não há casa, nem entrada; da terra de Quitim lhes foi revelado. Calai-vos, moradores da ilha; tu, a quem os mercadores de Sidom, que passam pelo mar, abasteceram. E pelas grandes águas, a semente de Sior, a colheita do rio, é a sua renda; e ela é mercado das nações. Envergonha-te, ó Sidom, porque o mar falou, sim, a fortaleza do mar, dizendo: Não tive dores, nem dei à luz, nem criei jovens, nem eduquei virgens. Como ao rumor acerca do Egito, assim se angustiarão ao rumor de Tiro. Passai a Társis; uivai, moradores da ilha. É esta a vossa cidade alegre, cuja antiguidade é de dias antigos? Os seus próprios pés a levarão para longe, para peregrinar. Quem formou este conselho contra Tiro, a coroada, cujos mercadores são príncipes, cujos negociantes são os nobres da terra? O Senhor dos Exércitos o determinou, para profanar o orgulho de toda a glória

e lançar em desprezo todos os nobres da terra. Percorre a tua terra como um rio, ó filha de Társis; não há mais quem te detenha. Estendeu a mão sobre o mar, fez tremer os reinos; o Senhor deu ordem contra a cidade mercante, para destruir as suas fortalezas. E disse: Nunca mais te alegrarás, ó virgem oprimida, filha de Sidom; levanta-te, passa a Quitim; ainda ali não terás descanso. Eis a terra dos caldeus; este povo não era, até que o assírio a fundou para os que habitavam no deserto; levantaram-lhe as torres, ergueram-lhe os palácios; ele a reduziu a ruínas. Uivai, navios de Társis; porque a vossa força foi devastada. E acontecerá, naquele dia, que Tiro será esquecida por setenta anos, segundo os dias de um rei; e, no fim de setenta anos, Tiro cantará como uma meretriz. Toma a harpa, rodeia a cidade, ó meretriz esquecida; faze doce melodia, canta muitas canções, para que te lembrem. E acontecerá, ao fim de setenta anos, que o Senhor visitará Tiro; ela voltará ao seu ganho e se prostituirá com todos os reinos do mundo sobre a face da terra. E o seu comércio e o seu ganho serão consagrados ao Senhor; não serão entesourados nem guardados; porque o seu comércio será para os que habitam diante do Senhor, para comerem com fartura e para vestes duráveis. Isaías 23:1-18.

Irmã White escreve: "Todos os grandes acontecimentos e atos solenes da história do Antigo Testamento têm se repetido e estão se repetindo na igreja nestes últimos dias."

Isaías vinte e três aborda as relações proféticas das Nações Unidas, do Papado, dos Estados Unidos e do Islã. Para reconhecer essas verdades, certos símbolos do capítulo devem ser definidos pela Inspiração. Uma vez definidos os símbolos, a sequência de eventos é bastante direta. Os símbolos no capítulo que precisam ser definidos são:

O fardo, Tiro, a prostituta, o assírio, a terra dos caldeus, torres e palácios, Társis, a semente do Sior, a terra de Quitim, Sidom, a cidade dos comerciantes, a notícia do Egito e a notícia de Tiro, o uivo, uma filha, setenta anos, os dias de um rei, esquecimento, e lembrança

A palavra "fardo" no versículo um identifica uma profecia de ruína contra o reino de Tiro.

Fardo: H4853-De H5375; um fardo; especificamente tributo, ou (abstratamente) transporte; figurativamente um pronunciamento, principalmente uma sentença, especialmente canto; mental, desejo: - fardo, levar embora, profecia, X eles puseram, canto, tributo.

O fardo de Tiro é uma de muitas passagens na Bíblia em que o julgamento final da Igreja Católica Romana é identificado. Um "fardo", pelo uso e pela definição, é uma profecia e, principalmente, uma profecia de desgraça. Há onze "fardos" em Isaías e, em oito ocasiões, a palavra é usada para descrever um fardo carregado sobre os ombros. As onze vezes em que a palavra "fardo" é apresentada como profecia de desgraça são Isaías 13:1; 15:1; 17:1; 19:1; 21:1, 11, 13; 22:1; 30:6 e, é claro, no capítulo vinte e três, onde encontramos o fardo de Tiro. Vale a pena reunir todas as profecias de desgraça de Isaías a fim de avaliar qual poder está sendo representado nos últimos dias. Onze profecias de desgraça são difíceis de tratar de uma só vez, por isso darei uma breve definição de cada profecia de desgraça para estabelecer o contexto do capítulo vinte e três.

No capítulo treze, a profecia de juízo contra a Babilônia é a Babilônia moderna no fim do mundo, que é a meretriz de Roma, também ilustrada no capítulo dezessete do livro do Apocalipse.

E veio um dos sete anjos que tinham as sete taças e falou comigo, dizendo: Vem cá; eu te mostrarei o juízo da grande prostituta que está sentada sobre muitas águas; com quem os reis da terra se prostituíram, e os habitantes da terra se embriagaram com o vinho da sua prostituição. Então ele me levou, em espírito, ao deserto; e vi uma mulher montada sobre uma besta de cor escarlate, cheia de nomes de blasfêmia, tendo sete cabeças e dez chifres. E a mulher estava vestida de púrpura e de escarlate, e adornada de ouro, de pedras preciosas e de pérolas, tendo na mão um cálice de ouro cheio de abominações e das imundícies da sua prostituição; e na sua testa estava escrito um nome: MISTÉRIO, BABILÔNIA, A GRANDE, A MÃE DAS PROSTITUTAS E DAS ABOMINAÇÕES DA TERRA. Apocalipse 17:1-5.

Preciso fazer uma pequena digressão. O propósito do estudo da profecia de Tiro é, em última instância, alinhar a história profética dos Estados Unidos com a da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Mostraremos que o governo dos Estados Unidos é um dos chifres da besta semelhante a um cordeiro de Apocalipse treze e que o protestantismo que saiu da Idade das Trevas era o outro chifre. O chifre do protestantismo tornou-se o adventismo milerita no momento em que os protestantes dos Estados Unidos rejeitaram a mensagem do primeiro anjo. Quando isso estiver estabelecido, mostraremos que a história do chifre protestante e a história do chifre republicano correm paralelas uma à outra e possuem características proféticas paralelas. Afinal, eles estão na mesma besta, representando que ambos os chifres são contemporâneos entre si. Vou ilustrar um exemplo desse paralelo dos chifres da igreja e do Estado nos Estados Unidos. Ambos 'se esquecem' à sua maneira.

Isaías 23 assinala o ponto profético de que o poder papal é esquecido por setenta anos e, nesses setenta anos simbólicos, os homens esquecem o papado e por que a Idade das Trevas é chamada de Idade das Trevas. O lema do chifre protestante, quando se separou da Igreja Católica, era a Bíblia e somente a Bíblia. Esqueceram que a Bíblia nos informa quem o papado realmente é. Esqueceram a mensagem consagrada no documento sagrado que lhes foi confiado e do qual professavam ser os principais defensores.

Aqueles que se confundem em seu entendimento da palavra, que não conseguem ver o significado do anticristo, certamente se colocarão do lado do anticristo. Agora não há tempo para nos assimilarmos ao mundo. Daniel está na sua sorte e no seu lugar. As profecias de Daniel e de João devem ser compreendidas. Elas se interpretam mutuamente. Elas dão ao mundo verdades que todos deveriam compreender. Essas profecias devem ser testemunho no mundo. Pelo seu cumprimento nestes últimos dias, elas se explicarão por si mesmas. Coleção Kress, 105.

Da mesma forma, o chifre republicano representando o governo dos Estados Unidos deveria ser pelo povo e para o povo, mas os cidadãos dos Estados Unidos também se esqueceram do documento sagrado que lhes foi confiado. Esse documento sagrado é a Constituição dos Estados Unidos, e o lema do governo que foi concebido para ser para o povo era a separação entre Igreja e Estado. Eles esqueceram a mensagem da Constituição que lhes foi confiada e da qual se declaravam defensores.

E lembre-se: Roma vangloria-se de nunca mudar. Os princípios de Gregório VII e Inocêncio III ainda são os princípios da Igreja Católica Romana. E, se tivesse o poder, ela os poria em prática com tanto vigor agora quanto em séculos passados. Os protestantes mal sabem o que fazem quando propõem aceitar a ajuda de Roma na obra de exaltação do domingo. Enquanto estão empenhados na realização de seu propósito, Roma procura restabelecer seu poder, recuperar sua supremacia perdida. Basta que se estabeleça, nos Estados Unidos, o princípio de que a igreja pode empregar ou controlar o poder do Estado; que observâncias religiosas possam ser impostas por leis seculares; em suma, que a autoridade da igreja e do Estado deve dominar a consciência, e o triunfo de Roma neste país estará assegurado.

"A Palavra de Deus advertiu acerca do perigo iminente; se isso for desconsiderado, o mundo protestante aprenderá quais são de fato os propósitos de Roma, apenas quando for tarde demais para escapar à armadilha. Ela está crescendo silenciosamente em poder. Suas doutrinas estão exercendo sua influência nos salões legislativos, nas igrejas e nos corações dos homens. Ela está erguendo suas estruturas elevadas e maciças, nos recessos secretos das quais suas antigas perseguições serão repetidas. Furtivamente e sem levantar suspeitas, ela está fortalecendo suas fileiras para promover seus próprios fins quando chegar o momento de desferir o golpe. Tudo o que ela deseja é terreno vantajoso, e isso já lhe está sendo dado. Em breve veremos e sentiremos qual é o propósito do elemento romano. Quem crer e obedecer à palavra de Deus incorrerá, por isso, em opróbrio e perseguição." O Grande Conflito, 581.

Se você conseguir localizar qualquer dicionário publicado antes de 1950 e procurar por "mulher de cor escarlate" ou alguma variação dessa expressão de Apocalipse dezessete, todos esses dicionários anteriores a 1950 identificam a Igreja Católica Romana como a prostituta de Apocalipse dezessete. Os Estados Unidos — a besta terrestre de dois chifres de Apocalipse treze — esquecem o próprio passado, quer seja o chifre do Protestantismo, quer o chifre do Republicanismo. Ambas essas instituições surgiram do protesto contra a tirania religiosa do papado e a tirania política dos reis que a apoiavam, ou, como diz a Bíblia, os reis que "cometeram fornicção" com ela. Antes de tratarmos de Isaías vinte e três, faremos brevemente um panorama das outras dez vezes em que Isaías identifica uma "profecia de desgraça", pois todos os onze "fardos" são exatamente isso.

Isaías treze é o oráculo contra Babilônia nos "últimos dias". Babilônia, embora controlada e dirigida pela Igreja Católica nos últimos dias, é composta por três poderes que conduzem o mundo ao Armagedom no capítulo dezesseis do Apocalipse. Na profecia de ruína do capítulo treze contra a Babilônia moderna, há três poderes representados: Babilônia, Lúcifer e a Assíria, representando a besta (Assíria), o dragão (Lúcifer) e o falso profeta (Babilônia). A Assíria e a Babilônia são os dois poderes devastadores que Deus empregou para punir o antigo Israel; a Assíria veio primeiro, levando as dez tribos do norte ao cativeiro e, depois, a Babilônia levou as duas tribos do sul de Judá.

Israel é uma ovelha desgarrada; os leões o afugentaram: primeiro o rei da Assíria o devorou; e por último este Nabucodonosor, rei da Babilônia, lhe quebrou os ossos. Portanto, assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Eis que eu punirei o rei da Babilônia e a sua terra, como puni o rei da Assíria. Jeremias 50:17, 18.

Primeiro, a Assíria levou as dez tribos do norte de Israel para o cativeiro e, depois, a Babilônia levou as duas tribos do sul de Judá para o cativeiro. Ambos esses cativeiros foram o cumprimento dos “sete tempos” de Levítico 26. Os “sete tempos” de Levítico foram a primeira “profecia de tempo” que William Miller descobriu, e indicam que, quando a Assíria capturou a tribo do norte, isso marcou o início de uma dispersão que continuou por dois mil quinhentos e vinte anos. Esse período começou no cativeiro em 723 a.C. e terminou no “tempo do fim” em 1798. As tribos do sul foram levadas pela Babilônia em 677 a.C., iniciando os “sete tempos” contra Judá, que terminaram no mesmo ponto que a profecia dos 2.300 anos de Daniel 8:14, em 22 de outubro de 1844. Assíria e Babilônia cumpriram o mesmo propósito de punição contra a rebelião do povo de Deus, mas a punição foi executada primeiro pela Assíria e depois pela Babilônia.

Na relação profética dos três poderes no capítulo treze, Babilônia é a imagem da Assíria, pois veio depois, mas fez a mesma obra contra o povo de Deus.

No capítulo quinze, o peso contra Moabe é contra as igrejas protestantes.

"Esta descrição de Moabe representa as igrejas que se tornaram como Moabe. Elas não permaneceram em seu posto do dever como fiéis sentinelas. Elas não cooperaram com as inteligências celestiais ao exercer a capacidade que Deus lhes deu para fazer a vontade de Deus, rechaçando as forças das trevas e usando todas as capacidades que Deus lhes deu para promover a verdade e a justiça em nosso mundo. Elas têm um conhecimento da verdade, mas não têm praticado o que sabem." Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia, volume 4, 1159.

A igreja protestante que caiu é a igreja que continuou a andar com o Senhor quando o restante do protestantismo fugiu por ocasião da mensagem do segundo anjo. Moabe é o Adventismo, o chifre protestante caído.

O capítulo dezessete trata de Damasco e o identifica como uma cidade que é removida. Uma cidade é um símbolo de um reino, e o reino que é removido nos "últimos dias" são os Estados Unidos.

O capítulo dezenove é a profecia de desgraça contra o Egito, representando as Nações Unidas e o mundo inteiro.

As próximas três profecias de desgraça, no capítulo vinte e um, são contra a terrível terra desértica do sul, Dumá e a Arábia. Essas três profecias de desgraça identificam o Islã, de acordo com os três ais de Apocalipse 8:13.

A profecia de condenação no capítulo vinte e dois retrata a separação entre os Adventistas de Laodiceia e os Adventistas de Filadélfia por ocasião da lei dominical.

E então, no capítulo trinta, encontramos o oráculo sobre os animais do sul, que é uma segunda ilustração da rebelião dos adventistas laodiceanos. Reunir todos os oráculos de Isaías praticamente aborda todos os atores proféticos nos "últimos dias". Estou selecionando Isaías vinte e três para demonstrar que a história dos Estados Unidos, como o sexto reino da profecia bíblica, reina de

1798 até a lei dominical.

Porque "cada um dos antigos profetas falou menos para o seu próprio tempo do que para o nosso, de modo que suas profecias estão em vigor para nós", toda declaração profética se refere aos eventos do fim do mundo. Essa verdade, combinada com o fato de que "todos os livros da Bíblia se encontram e terminam" no livro do Apocalipse, estabelece o livro do Apocalipse como o ponto de referência para alinhar o testemunho profético acerca dos eventos do fim do mundo.

No décimo sétimo capítulo do Apocalipse, vemos a grande prostituta que se prostitui com os reis da terra e o seu juízo final.

E veio um dos sete anjos que tinham as sete taças e falou comigo, dizendo: Vem, eu te mostrarei o juízo da grande prostituta que está sentada sobre muitas águas; com a qual os reis da terra se prostituíram, e os habitantes da terra se embriagaram com o vinho da sua prostituição. Apocalipse 17:1, 2.

Os profetas nunca se contradizem.

E os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas. Pois Deus não é Deus de confusão, mas de paz, como em todas as igrejas dos santos. 1 Coríntios 14:32, 33.

No fim do mundo, "o juízo da grande meretriz que se assenta sobre muitas águas", a grande meretriz com "quem os reis da terra se prostituíram", a grande meretriz que fez "os habitantes da terra" embriagarem-se "com o vinho da sua prostituição", é representada por Isaías como a "prostituta" que é esquecida por "os dias de um rei", ou setenta anos proféticos. Quando se completarem os setenta anos, Tiro "se prostituirá com todos os reinos do mundo". A meretriz de Isaías é a grande meretriz de João. A meretriz de Isaías e a meretriz de João representam a Igreja Católica Romana, pois uma mulher é um símbolo de uma igreja na Palavra de Deus.

Esposas, sujeitai-vos a vossos próprios maridos, como ao Senhor. Porque o marido é a cabeça da esposa, como também Cristo é a cabeça da igreja; e ele é o salvador do corpo. Assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as esposas estejam sujeitas a seus próprios maridos em tudo. Maridos, amai as vossas esposas, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela; para a santificar, tendo-a purificado com a lavagem da água pela palavra; para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mancha, nem ruga, nem coisa semelhante; mas que seja santa e sem defeito. Assim devem os maridos amar as suas esposas como aos seus próprios corpos. Quem ama a sua esposa ama a si mesmo. Pois ninguém jamais odiou a sua própria carne; antes a alimenta e dela cuida, como também o Senhor à igreja; porque somos membros do seu corpo, da sua carne e dos seus ossos. Por esta razão deixará o homem pai e mãe e se unirá à sua esposa, e serão os dois uma só carne. Grande é este mistério; mas falo a respeito de Cristo e da igreja. Todavia, cada um de vós também ame a sua esposa como a si mesmo; e a esposa respeite o marido. Efésios 5:22-33.

O apóstolo Paulo identifica que a igreja de Cristo é representada profeticamente como uma mulher. Portanto, uma mulher na profecia é uma igreja, mas a igreja de Cristo é "santa e sem mancha". Uma igreja ímpia é representada como uma mulher ímpia; assim, Isaías identifica uma prostituta e

João, uma meretriz. Eles representam o papado como uma meretriz, e a igreja de Deus é uma virgem.

Porque estou zeloso de vós com zelo de Deus; pois vos desposi a um só marido, para apresentar-vos como uma virgem casta a Cristo. 2 Coríntios 11:2.

Não apenas a igreja de Deus é representada como uma virgem, mas ela é desposada com um só marido. Tiro e a grande meretriz de João cometem fornicção com os reis da terra. A Igreja Católica mantém relações com vários homens, não com um só. Daniel nos informa que os reis são reinos.

Este é o sonho; e diremos a sua interpretação perante o rei. Tu, ó rei, és rei dos reis; pois o Deus do céu te deu um reino, poder, força e glória. E, em qualquer lugar onde habitam os filhos dos homens, os animais do campo e as aves do céu, ele os entregou nas tuas mãos e te constituiu senhor sobre todos eles. Tu és essa cabeça de ouro. E depois de ti se levantará outro reino, inferior ao teu; e um terceiro reino, de bronze, que dominará sobre toda a terra. E o quarto reino será forte como ferro; pois, assim como o ferro despedaça e subjuga todas as coisas, e, como ferro que quebra a todos esses, também ele os despedaçará e esmagará. Daniel 2:36-40.

Em Daniel 2, os reinos da profecia bíblica são identificados e explicados. Enquanto Daniel explica o sonho a Nabucodonosor, diz-lhe que ele é a cabeça de ouro. A cabeça de ouro é um rei, mas um rei representa um reino. A Igreja Católica Romana é a grande meretriz que comete fornicção com todos os reis da terra no fim de setenta anos proféticos. Os reis são simbólicos de homens, e Tiro é uma mulher impura. Uma mulher é uma igreja, uma prostituta é uma igreja profana; um homem é um rei e um rei é um reino. Uma mulher é uma igreja e um rei é um Estado. O relacionamento ilícito dessas duas entidades representa fornicção espiritual.

A Constituição dos Estados Unidos é um documento divino que consagra a necessidade de manter essas duas entidades separadas. Embora ainda não tenhamos concluído a identificação de Tiro como a Igreja Católica Romana, parece apropriado, neste ponto, tratar de outro símbolo em Isaías vinte e três que explica o simbolismo do homem e da mulher, da Igreja e do Estado.

Eis a terra dos caldeus; este povo não existia, até que o assírio a fundou para os que habitam no deserto; levantaram-lhe as torres, ergueram-lhe os palácios; e ele a reduziu à ruína. Isaías 23:13.

No versículo, o assírio fundou a terra dos caldeus e erigiu tanto “torres” quanto “palácios”. O assírio é um símbolo de Ninrode, e os caldeus representam os líderes religiosos das religiões de mistério da Babilônia. Uma “torre” é um símbolo de uma igreja. Quando Jesus apresentou a parábola da vinha, a Irmã White comenta sobre a parábola da seguinte forma:

"Na parábola, o proprietário representava Deus, a vinha a nação judaica, e a cerca a lei divina que lhes servia de proteção. A torre era um símbolo do templo." *Desire of Ages*, 596.

O assírio fundou a terra dos caldeus, que ergueram uma igreja (torre) e um "palácio". Um "palácio" representa um "rei", que por sua vez representa um reino. Um reino também é representado como

uma cidade.

E disseram: Vamos, edifiquemos para nós uma cidade e uma torre, cujo topo alcance os céus; e façamos para nós um nome, para que não sejamos espalhados sobre a face de toda a terra.
Gênesis 11:4.

A "torre" e o "palácio" que o assírio fundou são a "cidade" e a "torre" que Nimrod construiu.

E os seus cadáveres jazem na rua da grande cidade, que espiritualmente se chama Sodoma e Egito, onde também o nosso Senhor foi crucificado. Apocalipse 11:8.

A inspiração nos informa que a "grande cidade" em Apocalipse onze representa o reino da França durante o período da Revolução Francesa.

"'A grande cidade' em cujas ruas as testemunhas são mortas, e onde jazem seus cadáveres, é, 'espiritualmente', o Egito. De todas as nações apresentadas na história bíblica, o Egito foi a que mais ousadamente negou a existência do Deus vivo e resistiu aos Seus mandamentos. Nenhum monarca jamais se aventurou em rebelião mais aberta e arrogante contra a autoridade do Céu do que o rei do Egito. Quando a mensagem lhe foi trazida por Moisés, em nome do Senhor, Faraó respondeu com orgulho: 'Quem é Jeová, para que eu ouça a Sua voz e deixe Israel ir? Não conheço Jeová e, além disso, não deixarei Israel ir.' Êxodo 5:2, A.R.V. Isto é ateísmo, e a nação representada pelo Egito daria voz a uma negação semelhante das reivindicações do Deus vivo e manifestaria um espírito semelhante de incredulidade e desafio. 'A grande cidade' é também comparada, 'espiritualmente', a Sodoma. A corrupção de Sodoma, ao transgredir a lei de Deus, manifestou-se especialmente em licenciosidade. E esse pecado seria também uma característica preeminente da nação que haveria de cumprir as especificações desta escritura."

De acordo com as palavras do profeta, então, um pouco antes do ano de 1798 surgiria algum poder de origem e caráter satânicos para fazer guerra à Bíblia. E na terra onde o testemunho das duas testemunhas de Deus deveria assim ser silenciado, manifestar-se-iam o ateísmo do Faraó e a licenciosidade de Sodoma.

"Esta profecia recebeu um cumprimento dos mais exatos e impressionantes na história da França. Durante a Revolução, em 1793, 'o mundo, pela primeira vez, ouviu uma assembleia de homens, nascidos e educados na civilização, e que assumiam o direito de governar uma das mais nobres nações europeias, erguer a sua voz unida para negar a mais solene verdade que a alma humana recebe e renunciar unanimemente à crença e ao culto de uma Divindade.' - Sir Walter Scott, Vida de Napoleão, vol. 1, cap. 17. 'A França é a única nação no mundo acerca da qual subsiste o registro autêntico de que, como nação, ergueu a mão em aberta rebelião contra o Autor do universo. Muitos blasfemos, muitos incrédulos, houve, e ainda continuam a existir, na Inglaterra, Alemanha, Espanha e alhures; mas a França destaca-se na história do mundo como o único Estado que, por decreto de sua Assembleia Legislativa, declarou que não havia Deus, e cuja população inteira da capital, e uma vasta maioria alhures, mulheres tanto quanto homens, dançou e cantou de alegria ao aceitar o anúncio.' - Blackwood's Magazine, novembro de 1870." O Grande Conflito, 269.

A "grande cidade" no capítulo onze do Apocalipse era a nação francesa que aprovou um "decreto de sua Assembleia Legislativa" declarando que não havia Deus. O decreto foi uma expressão de ateísmo, como representado pela rebelião de Faraó. Uma grande cidade é um reino, ou uma "nação" ou um "Estado". No capítulo onze do Apocalipse, a França consiste em dois símbolos - Egito e Sodoma.

Somos informados: "Isto é ateísmo, e a nação representada pelo Egito daria voz a uma negação semelhante das reivindicações do Deus vivo e manifestaria um espírito semelhante de incredulidade e desafio. 'A grande cidade' também é comparada, 'espiritualmente', a Sodoma. A corrupção de Sodoma, ao transgredir a lei de Deus, manifestou-se especialmente em libertinagem."

A grande cidade ou nação da França é simbolicamente representada por uma nação (Egito) e uma cidade (Sodoma). O Egito "daria voz", e a fala de uma nação representa governo de Estado, não governo eclesiástico. O Egito era o Estado e Sodoma era a igreja — essa é a representação encontrada no capítulo onze do Apocalipse.

A 'fala' da nação é a ação de suas autoridades legislativas e judiciais. O Grande Conflito, 442.

Em Apocalipse 11, João apresenta os acontecimentos da Revolução Francesa em simbolismo profético. A própria Revolução forneceu ampla evidência histórica da validade das previsões de João no capítulo. João previu; em seguida, a Revolução Francesa cumpriu a previsão; e, por sua vez, tanto a previsão quanto o cumprimento histórico dessa previsão identificam e traçam paralelos com os eventos do fim do mundo, quando, mais uma vez, um Estado corrupto se combina com uma igreja corrupta. É claro que um banho de sangue se segue a esse matrimônio profano. O reino de Deus também é uma grande cidade.

E levou-me em espírito a um grande e alto monte, e mostrou-me aquela grande cidade, a santa Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus. Apocalipse 21:10.

A vinda do noivo, aqui apresentada, tem lugar antes do casamento. O casamento representa a recepção, por Cristo, de Seu reino. A Cidade Santa, a Nova Jerusalém, que é a capital e representante do reino, é chamada "a noiva, a esposa do Cordeiro". Disse o anjo a João: "Vem, mostrar-te-ei a noiva, a esposa do Cordeiro." "Ele me transportou em espírito", diz o profeta, "e mostrou-me aquela grande cidade, a santa Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus." Apocalipse 21:9, 10. O Grande Conflito, 426.

A rebelião de Nimrod é representada pela construção, por ele, de uma torre e de uma cidade, o que tipifica a combinação de igreja e estado no fim do mundo, pois todos os profetas falaram do fim do mundo. A rebelião de Nimrod também foi uma continuação da rebelião de Lúcifer, cujo desejo era assumir o controle tanto da igreja de Deus quanto do estado de Deus.

Como caíste do céu, ó Lúcifer, filho da manhã! Como foste lançado por terra, tu que enfraquecias as nações! Porque disseste no teu coração: Subirei ao céu; exaltarei o meu trono acima das estrelas de Deus; sentar-me-ei também no monte da congregação, no extremo norte; subirei acima das alturas das nuvens; serei semelhante ao Altíssimo. Isaías 14:12-14.

Ao revelar que os desejos secretos do coração de Lúcifer são ser "como o Altíssimo", Isaías aponta que Lúcifer busca assentar-se em dois assentos claramente distintos. Ele deseja "exaltar" o seu "trono acima das estrelas de Deus" e "sentar-se também sobre o monte da congregação, nos lados do norte".

O trono é um símbolo da autoridade do rei — ou da autoridade do Estado — e "os lados do norte" são a igreja de Deus.

Um cântico e salmo para os filhos de Corá. Grande é o Senhor, e mui digno de ser louvado, na cidade do nosso Deus, no monte da sua santidade. Formoso de sítio, alegria de toda a terra, é o monte Sião, nos lados do norte, a cidade do grande Rei. Deus é conhecido nos palácios dela como refúgio. Salmo 48:1-3.

Jerusalém é "a cidade do grande Rei", assinalando assim o trono político de Deus, e Jerusalém é também "o monte da sua santidade", "nos lados do norte", assinalando assim o trono religioso de Deus. Desde o princípio, a rebelião e a guerra de Satanás são retratadas no contexto do seu desejo de governar tanto a igreja de Deus quanto o estado de Deus. Em seguida, Satanás liderou a rebelião de Nimrod, e a terra que ele fundou para os caldeus é representada como uma terra onde Nimrod construiu tanto uma torre quanto uma cidade — igreja e estado.

Portanto, quando a meretriz de Isaías e a grande prostituta de João cometem fornicção com os reis da terra, a profecia assinala que um relacionamento ímpio ocorre entre a Igreja Católica Romana e os reis da terra ao fim de setenta anos proféticos.

A linha profética de Isaías descreve o julgamento de Tiro, a meretriz, no capítulo vinte e três, e João descreve o mesmo julgamento com o símbolo de uma mulher escarlata, que é identificada como "Babilônia, a Grande". Uma terceira testemunha do mesmo julgamento da mesma meretriz é a seguinte:

A mulher (Babilônia) de Apocalipse 17 é descrita como "vestida de púrpura e escarlata, e adornada com ouro, pedras preciosas e pérolas, tendo na mão um cálice de ouro cheio de abominações e imundícias: ... e na sua frente estava escrito um nome: Mistério, Babilônia, a Grande, a mãe das meretrizes." Diz o profeta: "Vi a mulher embriagada com o sangue dos santos e com o sangue dos mártires de Jesus." Declara-se ainda que Babilônia é "a grande cidade, que reina sobre os reis da terra." Apocalipse 17:4-6, 18. O poder que, por tantos séculos, manteve domínio despótico sobre os monarcas da cristandade é Roma. O Grande Conflito, 382.

Tiro é a Igreja Católica Romana nos "últimos dias". Nessa época, o papado sairá e cantará suas canções sedutoras aos reis da terra, levando assim os reis ao ato de fornicção, que, profeticamente, é a combinação de Igreja e Estado.

E acontecerá, naquele dia, que Tiro será esquecida por setenta anos, segundo os dias de um rei: ao fim de setenta anos, Tiro cantará como uma prostituta. Isaías 23:15.

Na profecia bíblica, um rei representa um reino; assim, Tiro será esquecida durante o período em que um reino profético reinar por setenta anos.

E acontecerá naquele dia que Tiro será esquecida por setenta anos, conforme os dias de um rei; e, ao fim de setenta anos, Tiro cantará como uma meretriz. Toma uma harpa, percorre a cidade, ó meretriz esquecida; faz doce melodia, canta muitas canções, para que sejas lembrada. E acontecerá que, ao fim de setenta anos, o Senhor visitará Tiro, e ela voltará à sua paga e se prostituirá com todos os reinos do mundo sobre a face da terra. Isaías 23:15-17.

Durante os dias de um reino que reina por setenta anos proféticos, a Igreja Católica Romana será esquecida. Ao final dos setenta anos, o poder papal "entoará doce melodia, cantará muitas canções". Profeticamente, uma "canção" representa "experiência".

Sobre o mar de cristal diante do trono, aquele mar de vidro, como que misturado com fogo — tão resplandecente é ele com a glória de Deus — está reunida a companhia dos que 'alcançaram a vitória sobre a besta, e sobre a sua imagem, e sobre a sua marca, e sobre o número do seu nome'. Com o Cordeiro sobre o Monte Sião, 'tendo as harpas de Deus', estão em pé os cento e quarenta e quatro mil que foram redimidos dentre os homens; e ouve-se, como a voz de muitas águas e como a voz de um grande trovão, 'a voz de harpistas tangendo as suas harpas'. E eles cantam 'um novo cântico' diante do trono, um cântico que ninguém pode aprender senão os cento e quarenta e quatro mil. É o cântico de Moisés e do Cordeiro — um cântico de livramento. Ninguém, senão os cento e quarenta e quatro mil, pode aprender esse cântico; pois é o cântico de sua experiência — uma experiência tal como nenhum outro grupo jamais teve. 'Estes são os que seguem o Cordeiro para onde quer que Ele vá.' Estes, tendo sido trasladados da terra, dentre os vivos, são contados como 'as primícias para Deus e para o Cordeiro'. Apocalipse 15:2, 3; 14:1-5. 'Estes são os que vieram da grande tribulação'; passaram pelo tempo de angústia como nunca houve desde que existe nação; suportaram o tormento do tempo da angústia de Jacó; estiveram sem intercessor durante o derramamento final dos juízos de Deus. Mas foram libertos, pois 'lavaram as suas vestes e as alvejaram no sangue do Cordeiro'. 'E na sua boca não se achou engano; porque são irrepreensíveis' diante de Deus. 'Por isso estão diante do trono de Deus, e O servem de dia e de noite no Seu templo; e Aquele que está assentado no trono habitará entre eles.' Viram a terra devastada por fome e pestilência, o sol tendo poder para abrasar os homens com grande calor, e eles mesmos suportaram sofrimento, fome e sede. Mas 'não terão mais fome, nem terão mais sede; nem cairá sobre eles o sol, nem calor algum. Porque o Cordeiro, que está no meio do trono, os apascentará e os guiará para as fontes das águas da vida; e Deus limpará de seus olhos toda lágrima.' Apocalipse 7:14-17. O Grande Conflito, 648.

"No Seu templo, todos falam da Sua glória' (Salmo 29:9), e o cântico que os remidos entoarão — o cântico de sua experiência — proclamará a glória de Deus: 'Grandes e maravilhosas são as Tuas obras, ó Senhor Deus, o Todo-Poderoso; justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei dos séculos. Quem não temerá, ó Senhor, e não glorificará o Teu nome? pois só Tu és santo.' Apocalipse 15:3, 4, R.V." Educação, 308.

Ao final de setenta anos proféticos, o papado "fará doce melodia, cantará muitas canções, para que" ela "seja lembrada." Ao fim do reino que governa por setenta anos proféticos, a Igreja Católica Romana lembrará ao mundo a experiência de sua história passada. Nessa história, ela reinou como autoridade moral numa relação entre ela e os reis da Europa. Essa história é

corretamente identificada como a Idade das Trevas, e toda a escuridão que de alguma forma possa ser associada à história em que o Papado dominou os reis da Europa pode ser atribuída à própria ação fundamental que produziu toda a escuridão subsequente. Essa ação foi a combinação de Igreja e Estado, a combinação dos reis da Europa e da Igreja Católica. Num casamento bíblico, o homem deve governar sobre a mulher, mas a fornicção que ocorreu naquela história foi invertida em relação à verdadeira ordem do relacionamento entre homem e mulher.

Ao fim de setenta anos, haverá uma grande crise quando o reino da profecia bíblica que governa o mundo durante o período em que o Papado é profeticamente esquecido chegar ao fim. A crise mundial produzida pelo colapso desse reino abre caminho para que a Igreja Católica comece a informar o mundo de que, para navegar pelos tempos conturbados produzidos pelo colapso desse reino, o mundo deve submeter-se à autoridade moral da Igreja Católica Romana, como ilustrado na história da Idade das Trevas.

Quando o reino chegar ao fim e o papado entoar a canção de sua experiência passada, uma experiência que os historiadores rotulam como trevas, como poderia essa história sombria ser uma mensagem para o papado compartilhar com os reis da terra que os convencesse a cometer fornicção com ele? Em uma grande crise, por que a experiência das eras passadas (sua canção), sua experiência antes de ela ser esquecida profeticamente, forneceria a lógica para que os reis da terra aceitassem a experiência das trevas como a solução para sua grande crise?

Um grande número, mesmo entre os que veem o Romanismo sem simpatia, não vê grande perigo em seu poder e influência. Muitos sustentam que as trevas intelectuais e morais que prevaleceram durante a Idade Média favoreceram a disseminação de seus dogmas, superstições e opressão, e que a maior inteligência dos tempos modernos, a difusão geral do conhecimento e a crescente liberalidade em matéria de religião impedem um ressurgimento da intolerância e da tirania. A simples ideia de que tal estado de coisas existirá nesta época esclarecida é ridicularizada. É verdade que grande luz, intelectual, moral e religiosa, resplandece sobre esta geração. Nas páginas abertas da Santa Palavra de Deus, luz do céu tem sido derramada sobre o mundo. Mas convém lembrar que, quanto maior a luz concedida, maiores as trevas dos que a pervertem e rejeitam.

Um estudo da Bíblia em espírito de oração mostraria aos protestantes o verdadeiro caráter do papado e os levaria a abominá-lo e a evitá-lo; mas muitos são tão sábios aos seus próprios olhos que não sentem necessidade de buscar humildemente a Deus para que sejam conduzidos à verdade. Embora se orgulhem de seu esclarecimento, são ignorantes tanto das Escrituras quanto do poder de Deus. Precisam de algum meio de sossegar suas consciências, e buscam aquilo que é menos espiritual e humilhante. O que desejam é um método de esquecer a Deus que passe por um método de lembrar-se dEle. O papado é bem adaptado para atender às necessidades de todos esses. Está preparado para duas classes da humanidade, abrangendo quase todo o mundo — os que querem ser salvos por seus méritos e os que querem ser salvos em seus pecados. Eis o segredo de seu poder.

Tem-se mostrado que um período de grandes trevas intelectuais é favorável ao sucesso do papado. Ainda se demonstrará que um período de grande luz intelectual é igualmente favorável

ao seu sucesso. Em eras passadas, quando os homens estavam sem a Palavra de Deus e sem o conhecimento da verdade, seus olhos estavam vendados, e milhares foram enredados, sem ver a rede estendida para os seus pés. Nesta geração há muitos cujos olhos ficam ofuscados pelo brilho das especulações humanas, 'ciência falsamente chamada'; não discernem a rede e nela entram tão prontamente como se estivessem vendados. Deus planejou que as faculdades intelectuais do homem fossem consideradas um dom de seu Criador e fossem empregadas ao serviço da verdade e da justiça; mas quando o orgulho e a ambição são acalentados, e os homens exaltam suas próprias teorias acima da palavra de Deus, então a inteligência pode causar maior dano do que a ignorância. Assim, a falsa ciência dos nossos dias, que mina a fé na Bíblia, mostrar-se-á tão bem-sucedida em preparar o caminho para a aceitação do papado, com suas formas agradáveis, quanto o foi a retenção do conhecimento ao abrir o caminho para o seu engrandecimento na Idade das Trevas. O Grande Conflito, 572.

Os católicos romanos reconhecem que a mudança do sábado foi feita por sua igreja, e citam essa própria mudança como evidência da suprema autoridade da igreja. Declaram que, ao observarem o primeiro dia da semana como o sábado, os protestantes estão reconhecendo o poder dela de legislar em coisas divinas. A Igreja Romana não renunciou à sua reivindicação de infalibilidade; e, quando o mundo e as igrejas protestantes aceitam um sábado espúrio de sua criação, enquanto rejeitam o sábado de Jeová, reconhecem virtualmente essa reivindicação. Podem citar a autoridade para essa mudança, mas a falácia do seu raciocínio é facilmente discernível. O papista é suficientemente perspicaz para ver que os protestantes estão enganando a si mesmos, fechando voluntariamente os olhos para os fatos do caso. À medida que a instituição do domingo ganha favor, ele se regozija, sentindo-se seguro de que ela acabará por trazer todo o mundo protestante sob a bandeira de Roma.

A mudança do sábado é o sinal ou marca da autoridade da Igreja Romana. Aqueles que, compreendendo as reivindicações do quarto mandamento, escolhem observar o sábado falso em lugar do verdadeiro, estão, assim, prestando homenagem àquele poder pelo qual, e somente por ele, tal observância é ordenada. A marca da besta é o sábado papal, que foi aceito pelo mundo em lugar do dia designado por Deus.

Mas o tempo de receber a marca da besta, segundo a profecia, ainda não chegou. O tempo de prova ainda não chegou. Há verdadeiros cristãos em todas as igrejas, não excetuando a Igreja Católica Romana. Ninguém é condenado até que tenha recebido a luz e reconhecido a obrigação do quarto mandamento. Mas, quando for promulgado o decreto impondo o sábado espúrio, e quando o alto clamor do terceiro anjo advertir os homens contra a adoração da besta e de sua imagem, a linha será claramente traçada entre o falso e o verdadeiro. Então, os que ainda continuarem na transgressão receberão a marca da besta em suas testas ou em suas mãos.

A passos rápidos estamos nos aproximando desse período. Quando as igrejas protestantes se unirem ao poder secular para sustentar uma falsa religião, por se oporem à qual seus antepassados suportaram a mais feroz perseguição, então o sábado papal será imposto pela autoridade combinada da igreja e do Estado. Haverá uma apostasia nacional, que só terminará em ruína nacional. Escola de Treinamento Bíblico, 2 de fevereiro de 1913.

Agora já abordamos cinco dos símbolos que estamos buscando identificar, antes de abordarmos plenamente o capítulo em si. Uma cidade é um reino na profecia bíblica e, em Isaías vinte e três, há dois reinos estreitamente relacionados, mas claramente distintos. O primeiro é a "cidade que coroa" e o outro é a "cidade mercante". Nos últimos dias, o poder que está no controle da tríplice união do dragão, da besta e do falso profeta é o papado. É o reino que possui a coroa.

"À medida que nos aproximamos da última crise, é de importância vital que haja harmonia e unidade entre os instrumentos do Senhor. O mundo está cheio de tempestades, guerras e desavenças. Ainda assim, sob um só chefe - o poder papal - o povo se unirá para se opor a Deus na pessoa de Suas testemunhas. Essa união é cimentada pelo grande apóstata. Enquanto procura unir seus agentes na guerra contra a verdade, ele trabalhará para dividir e dispersar os defensores dela. Ciúme, más suspeitas e maledicência são instigados por ele para produzir discórdia e dissensão." Testemunhos, volume 7, 182.

O reino com a coroa é Tiro, que significa "uma rocha". Neste capítulo, Tiro representa o papado que procura contrafazer Cristo, pois o papado é o anticristo. A palavra "anti" em anticristo significa "em lugar de". O papado procura contrafazer Cristo em todos os níveis, e o nome Tiro significa rocha, pois o papado é uma contrafação da "Rocha dos Séculos".

Quem traçou este conselho contra Tiro, a cidade que coroa, cujos mercadores são príncipes, cujos negociantes são os nobres da terra? O Senhor dos Exércitos o determinou, para manchar o orgulho de toda glória e lançar em desprezo todos os nobres da terra. Passa pela tua terra como um rio, ó filha de Társis: já não há força. Ele estendeu a sua mão sobre o mar, sacudiu os reinos; o Senhor deu uma ordem contra a cidade mercante, para destruir as suas fortalezas. Isaías 23:8-11.

Pretendemos demonstrar, com base em muitas testemunhas, que "o abalo dos reinos" é realizado por Deus, por meio do Islã. O Islã é o poder que enfurece as nações e é usado para abalar as nações. Neste ponto, estamos identificando que o Senhor determinou reduzir a desprezo "todos os honrados da terra", que são os "mercadores" e "negociantes", cujas "fortalezas" devem ser destruídas. A cidade mercadora e a cidade coroada "provocaram o desagrado do céu" e o Senhor intentou destruir as suas "fortalezas", e isso representa a economia. O colapso da economia ocorre antes da lei dominical nos Estados Unidos, pois, antes da lei dominical, os cidadãos dos Estados Unidos estão exigindo ser reconduzidos "ao favor divino e à prosperidade temporal". Seu argumento é que os juízos de Deus não cessarão até que o domingo seja "rigorosamente imposto". Várias testemunhas bíblicas concordam que estamos à beira de um tremendo colapso na economia mundial. Esse colapso ocorre antes da lei dominical, assim como o colapso de 1837 ocorreu antes de 22 de outubro de 1844.

"E então o grande enganador persuadirá os homens de que os que servem a Deus estão causando esses males. A classe que provocou o desagrado do Céu atribuirá todos os seus problemas àqueles cuja obediência aos mandamentos de Deus é uma repreensão perpétua aos transgressores. Declarar-se-á que os homens estão ofendendo a Deus pela violação do sábado dominical; que esse pecado tem trazido calamidades que não cessarão até que a observância do domingo seja estritamente imposta; e que os que apresentam as reivindicações do quarto

mandamento, destruindo assim a reverência pelo domingo, são perturbadores do povo, impedindo sua restauração ao favor divino e à prosperidade temporal. Assim, repetir-se-á a acusação outrora dirigida contra o servo de Deus, e com fundamentos igualmente bem estabelecidos: 'E aconteceu que, vendo Acabe a Elias, disse-lhe Acabe: És tu o que perturbas Israel? E ele respondeu: Eu não tenho perturbado a Israel; mas tu, e a casa de teu pai, porque deixastes os mandamentos do Senhor, e seguiste os Baalins.' 1 Reis 18:17, 18. Como a ira do povo será incitada por falsas acusações, adotarão, para com os embaixadores de Deus, uma atitude muito semelhante à que o Israel apóstata adotou para com Elias." O Grande Conflito, 590.

Elias confrontando os profetas de Baal e os sacerdotes do bosque no Monte Carmelo representa a lei dominical. A mensagem para a igreja foi “escolhei hoje a quem servireis”. Quando essa história se repetir na lei dominical, a pergunta será “qual dia você vai escolher, pois o dia escolhido indica a quem você serve”. Antes do Monte Carmelo, houve três anos e meio de severa seca. Antes da lei dominical, há uma série de leis dominicais, mas elas não têm sido “rigorosamente aplicadas”. O princípio associado a uma lei dominical é que a apostasia nacional é seguida por ruína nacional. O exemplo disso é que Constantino, no ano 321, promulgou uma lei dominical e, pouco depois, as quatro primeiras trombetas de Apocalipse capítulo oito começaram a conduzir Roma Ocidental ao seu desfecho, que se deu no ano 476. A história de Constantino é importante, pois incluiu uma exaltação progressiva do domingo e, simultaneamente, restrições progressivas ao sábado do sétimo dia. Essa história progressiva chegou ao seu desfecho quando os cidadãos foram obrigados a observar o domingo ou eram perseguidos por guardar o sábado. Esse também é o desfecho da escalada da legislação dominical nos Estados Unidos. Um princípio associado à imposição da observância do domingo é “a apostasia nacional é seguida por ruína nacional”. Este princípio significa que a intensificação da aplicação das leis dominicais produz uma intensificação dos juízos de Deus, antes da própria lei dominical de Apocalipse treze, verso onze. Cada promulgação trará uma ruína correspondente. Os juízos que os cidadãos estão acusando os guardadores do sábado de produzir são, na realidade, produzidos pela intensificação da imposição da legislação dominical. Incluímos uma passagem de O Grande Conflito, à qual dei o título de Progressão do Domingo. Recomendo que você a leia novamente. Ela está na categoria intitulada O Espírito de Profecia.

Deus revelou o que há de acontecer nos últimos dias, para que Seu povo esteja preparado para enfrentar a tempestade de oposição e ira. Aqueles que foram advertidos dos eventos que estão diante deles não devem permanecer em calma expectativa da tempestade iminente, consolando-se com a ideia de que o Senhor abrigará Seus fiéis no dia da angústia. Devemos ser como homens que esperam por Seu Senhor, não em expectativa ociosa, mas em labor diligente, com fé inabalável. Não é tempo, agora, de permitir que nossas mentes fiquem absorvidas com coisas de menor importância. Enquanto os homens dormem, Satanás está ativamente dispendo as coisas para que o povo do Senhor não tenha misericórdia nem justiça. O movimento dominical está agora abrindo caminho nas trevas. Os líderes estão ocultando a verdadeira questão, e muitos que se unem ao movimento não veem para onde a corrente de fundo se dirige. Suas declarações são brandas e aparentemente cristãs, mas, quando falar, revelará o espírito do dragão. É nosso dever fazer tudo ao nosso alcance para evitar o perigo ameaçador. Devemos procurar desarmar o preconceito, apresentando-nos sob a devida luz diante do povo.

Devemos colocar diante deles a verdadeira questão em jogo, assim interpondo o protesto mais eficaz contra medidas que restrinjam a liberdade de consciência. Devemos examinar as Escrituras e ser capazes de dar a razão da nossa fé. Diz o profeta: 'Os ímpios procederão impiamente; e nenhum dos ímpios entenderá; mas os sábios entenderão.' Testemunhos, volume 5, 452.

É difícil reconhecer o movimento pela legislação dominical, pois ele está avançando nas "trevas" e o papado está "furtivamente e sem levantar suspeitas" "fortalecendo suas forças para promover seus próprios fins." É um fato que o trabalho para aprovar a legislação dominical nas trevas é uma questão central no processo de prova dos cento e quarenta e quatro mil. "Nenhum dos ímpios entenderá", segundo Daniel e a Irmã White. Os "ímpios" em Daniel são as "virgens insensatas" de Mateus, que a Irmã White identifica como laodiceanos. Os sábios entenderão os eventos que agora estão acontecendo, mesmo que a história ao nosso redor pareça contradizer a palavra de Deus. cremos na palavra de Deus ou no que está acontecendo ao nosso redor? Ainda assim, fomos prevenidos de que o fim seria como nos dias de Noé.

O mundo, cheio de devassidão, cheio de prazeres ímpios, está adormecido, adormecido em segurança carnal. Os homens consideram distante a vinda do Senhor. Eles zombam dos avisos. Diz-se com soberba: "Todas as coisas continuam como desde o princípio." "Amanhã será como este dia, e muito mais abundante." 2 Pedro 3:4; Isaías 56:12. Iremos mais fundo no amor aos prazeres. Mas Cristo diz: "Eis que venho como ladrão." Apocalipse 16:15. No exato momento em que o mundo pergunta com escárnio: "Onde está a promessa da sua vinda?", os sinais estão se cumprindo. Enquanto clamam: "Paz e segurança", sobrevém repentina destruição. Quando o escarnecedor, o rejeitador da verdade, se torna presunçoso; quando a rotina de trabalho nos diversos ramos lucrativos é levada adiante sem consideração aos princípios; quando o estudante busca avidamente conhecimento de tudo, exceto a sua Bíblia, Cristo vem como ladrão.

Tudo no mundo está em agitação. Os sinais dos tempos são sombrios. Os acontecimentos vindouros já projetam suas sombras. O Espírito de Deus está se retirando da terra, e calamidade se segue a calamidade, por mar e por terra. Há tempestades, terremotos, incêndios, inundações, assassinatos de todo tipo. Quem pode ler o futuro? Onde está a segurança? Não há certeza em nada que seja humano ou terreno. Rapidamente, os homens estão se alinhando sob a bandeira que escolheram. Inquietos, aguardam e observam os movimentos de seus líderes. Há os que aguardam, vigiam e trabalham pela vinda do nosso Senhor. Outra classe está se alinhando sob o comando do primeiro grande apóstata. Poucos creem, de coração e alma, que temos um inferno a evitar e um céu a conquistar.

A crise está se aproximando sorratamente de nós. O sol brilha nos céus, cumprindo o seu curso habitual, e os céus ainda proclamam a glória de Deus. Os homens ainda comem e bebem, plantam e constroem, casam-se e dão-se em casamento. Os comerciantes ainda compram e vendem. Os homens acotovelam-se, disputando o lugar mais alto. Os amantes do prazer ainda se aglomeram em teatros, corridas de cavalos e casas de jogo. Reina a mais intensa excitação; contudo, o tempo de graça está rapidamente chegando ao fim, e cada caso está prestes a ser decidido para a eternidade. Satanás vê que o seu tempo é curto. Ele pôs todas as suas agências

em atividade para que os homens sejam enganados, iludidos, ocupados e enfeitados, até que o dia do tempo de graça se encerre e a porta da misericórdia se feche para sempre.

Solenemente, ao longo dos séculos, chegam até nós as palavras de advertência de nosso Senhor, do Monte das Oliveiras: 'Olhai por vós, para que nunca os vossos corações se sobrecarreguem de glotonaria, embriaguez e cuidados desta vida, e para que aquele dia não vos sobrevenha de improviso.' 'Vigiai, pois, e orai sempre, para que sejais considerados dignos de escapar de todas estas coisas que hão de acontecer e de estar em pé diante do Filho do homem.' Desire of Ages, 635, 636.

No capítulo vinte e três de Isaías, os Estados Unidos são Sidom e Tiro é o papado. Tiro e Sidom eram antigas cidades fenícias contemporâneas, situadas na costa do Mediterrâneo. Eram conhecidas pelo seu comércio marítimo, riqueza e influência no mundo antigo. Sidom e seus "mercadores" reabasteceram Târsis na passagem. Os mercadores de Sidom comerciavam a "semente de Sior", que é a "colheita de um rio", e é o fruto "do rio", e é a "sua renda", pois ela é o "mercado das nações". Todos os profetas falam do fim do mundo; então, quem é o "mercado das nações" no fim do mundo? São os EUA.

Sihor é um rio no Egito (provavelmente o delta do Nilo) e é usado para representar a riqueza do mundo, pois o Egito é o mundo. A "filha virgem" de Zidon representa a última geração dos EUA, e ela é oprimida pela lei marcial que acompanha a lei dominical e pela ruína nacional que imediatamente se segue. Essas virgens de Zidon são repreendidas pela pergunta concernente a Tiro, dizendo: "é esta a vossa cidade jubilosa" (reino) na qual os EUA se regozijaram? É este o reino "cuja antiguidade é de tempos antigos", que, segundo a passagem, foi fundado por Nimrod, logo após o dilúvio?

Deus determinou e "propôs" punir "Tiro, a cidade coroada". O castigo do papado inclui o colapso da estrutura financeira do mundo, pois "o Senhor deu" "um mandamento contra" "Sidom" "a cidade mercante," (os Estados Unidos.) Seu mandamento "para destruir as fortalezas," ou a economia dos Estados Unidos, é o mandamento do sábado, pois a apostasia nacional é seguida pela ruína nacional.

O castigo do papado começa com o colapso econômico do mundo inteiro em resposta à destruição da economia dos Estados Unidos. Sidom tem uma "casa" associada à sua economia, representando assim uma estrutura financeira que é destruída, pois já não se pode mais entrar nela. Não haverá mais investimentos nem lucros dessa "casa", pois ela está destruída. A destruição ocorre por ocasião da lei dominical, embora, antes da lei dominical, já haja juízos crescentes. Quando o colapso ocorrer, o papado, os Estados Unidos com seus príncipes mercadores e negociantes honrados, e os navios de Târsis hão de "uivar".

A localização de "Tarshish" na passagem está associada à riqueza na antiguidade, e os navios de Tarshish na Bíblia são o principal símbolo de força econômica.

Porque os navios do rei iam a Târsis com os servos de Hiram: de três em três anos vinham os navios de Târsis trazendo ouro, prata, marfim, macacos e pavões. E o rei Salomão excedeu todos os reis da terra em riquezas e sabedoria. 2 Crônicas 9:21, 22.

Os navios representam força econômica, e Társis é o principal navio econômico na profecia bíblica. À geração final de Társis, representada pela “filha” de Társis, é dito para “passar pela tua terra como um rio”, e o que ela encontra é que sua terra “não tem mais força” e já não pode “regozijar-se” pelo reino de Tiro. A força que eles buscavam era a antiga força econômica de Sidom, mas ela havia desaparecido, pois o mar havia falado, dizendo: “Não estou de parto, nem dou à luz filhos, tampouco crio jovens, nem faço crescer virgens”, identificando assim a geração final do mar, que são os povos do mundo lamentando a destruição da economia do mundo, momento em que os povos do mundo despertam para a realidade de que são a última geração da história da Terra, e que já é tarde demais para se preparar para a vida eterna.

"Em breve, o dinheiro se desvalorizará muito repentinamente quando a realidade das cenas eternas se abrir aos sentidos do homem." Evangelismo, 62.

Há dois "relatos" ou mensagens que causam dor a todos na passagem. O primeiro "relato" diz respeito ao Egito e o segundo "relato" é Tiro. O "relato" do Egito está no pretérito, pois Isaías diz: "como no relato acerca do Egito", mostrando assim que Deus havia feito algo com o Egito antes de Sua destruição de Sidom (os EUA.) O que Deus fez ao Egito, o que também representa o "relato" do Egito, é que Ele destruiu o Egito em conexão com a primeira vez que Deus entrou em aliança com um povo escolhido. Os dois "relatos" são o mesmo "relato". O "relato" do Egito é o começo e o "relato" de Tiro é o fim. O Alfa e Ômega ilustrou a aliança com os cento e quarenta e quatro mil, nos últimos dias, com a história inicial desse assunto. O "relato" acerca do Egito é a libertação no Mar Vermelho, quando o Faraó e seu exército foram destruídos, o que tipifica a libertação final do povo de Deus, representada pelo "relato" que é o "peso de Tiro."

O poder representado na Bíblia que destrói os navios de Társis é o Islã. O tema do Islã será abordado mais adiante, portanto trataremos do tema com mais profundidade em outra ocasião. Ele é representado na passagem como "Chittim", uma palavra antiga para Chipre, e a passagem diz que a destruição de Sídon e Tiro é revelada a partir de "Chittim". O símbolo do Islã inclui uma ilustração muito específica da destruição dos Estados Unidos na profecia bíblica.

É importante acompanhar os dias e anos mencionados no livro de Isaías, pois eles frequentemente identificam o tempo profético da passagem que se segue. Isaías vinte e três segue o "peso" do vale da visão no capítulo vinte e dois, que é precedido pelo capítulo vinte e um, que contém três "pesos", e todos os três identificam o Islã. Antes desse capítulo, no versículo um do capítulo vinte, apresenta-se o cenário da história profética, onde as profecias de desgraça são identificadas nos capítulos subsequentes.

No ano em que Tartan veio a Asdode (quando Sargão, o rei da Assíria, o enviou) e pelejou contra Asdode e a tomou. Isaías 20:1.

A palavra "Tartan" pode ser um nome ou, mais provavelmente, um título de um líder militar. Tartan chegou a Asdode, uma cidade no Egito, e a tomou no período da história em que os assírios estavam progressivamente assumindo o controle do mundo. A Assíria tipificava a Babilônia. Tanto a Assíria quanto a Babilônia eram reinos que vinham do norte, reinos identificados como "leões" que "dispersaram" as ovelhas de Deus, e ambos recebem o mesmo castigo. A Assíria foi a

primeira; a Babilônia foi a última.

Israel é uma ovelha desgarrada; os leões o afugentaram: primeiro o rei da Assíria o devorou; e por último este Nabucodonosor, rei da Babilônia, lhe quebrou os ossos. Portanto, assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Eis que eu punirei o rei da Babilônia e a sua terra, como puni o rei da Assíria. Jeremias 50:17, 18.

Profeticamente, ambos são o "assírio altivo".

"Quando Senaqueribe, o altivo assírio, afrontou e blasfemou contra Deus, e ameaçou destruir Israel, 'aconteceu naquela noite que o anjo do Senhor saiu e feriu no acampamento dos assírios cento e oitenta e cinco mil.' Foram 'destruídos todos os homens valentes e os líderes e capitães' do exército de Senaqueribe. 'Assim, voltou com vergonha de rosto para sua terra.' [2 Reis 19:35; 2 Crônicas 32:21.]" O Grande Conflito, 512.

O ano em que "Tartan veio a Asdode" e "a tomou" representa a conquista progressiva do mundo pelo poder papal, conforme ilustrado nos seis últimos versículos de Daniel onze. A história da crise da lei dominical, que constitui os "últimos dias" do juízo investigativo e que conduz diretamente ao juízo executivo (as sete últimas pragas), é o cenário histórico representado pelo "ano" em que Tartan veio a Asdode. Com o contexto dessa história estabelecido, Isaías então apresenta três profecias de juízo referentes ao Islã, uma referente ao Adventismo Laodiceano e, em seguida, o peso de Tiro. O capítulo vinte e quatro é um dos exemplos clássicos das sete últimas pragas, sendo seguido pelo capítulo vinte e cinco, que representa a libertação final do povo de Deus, onde encontramos o povo de Deus expressando uma das declarações mais conhecidas durante o grande tempo de angústia.

E dir-se-á naquele dia: Eis, este é o nosso Deus; nele temos esperado, e ele nos salvará; este é o Senhor; nele temos esperado; alegrar-nos-emos e exultaremos na sua salvação. Isaías 25:9.

Os cento e quarenta e quatro mil são as virgens prudentes que aguardaram a vinda do seu Senhor para as bodas, embora Ele tardasse, de acordo com a parábola das dez virgens. Eles não são laodicensens; são filadelfienses. Até aqui, este artigo tem estabelecido o contexto.

Em 1798, Napoleão prendeu o papa, infligindo a ferida mortal profética que é curada no fim do mundo, segundo Apocalipse treze. Naquele momento, os Estados Unidos assumiram seu lugar como o sexto reino da profecia bíblica, de acordo com Daniel dois, sete, oito e onze e Apocalipse doze, treze, dezesseis, dezessete e dezoito. A partir de então, tanto o chifre republicano dos Estados Unidos quanto o chifre protestante (Adventismo) têm se esquecido de quem é o papado. 1798 é o primeiro ano em que as nações do restante do mundo reconheceram os Estados Unidos como uma nação soberana, e é também o ano em que a mensagem do primeiro anjo entrou na história.

O "lema" de um protestante naquela época era: "a Bíblia e somente a Bíblia." Os protestantes se identificam como defensores apenas da Bíblia e, quando o Adventismo assumiu seu manto por ocasião da chegada do segundo anjo, eles aceitaram esse "lema" e foram posteriormente chamados de "o povo do livro". Eles haviam recebido, por meio do ministério de William Miller, um conjunto de regras que, se devidamente empregadas, abririam a Bíblia às mentes de todos os que

desejassem ouvir. As Regras de Interpretação Profética de Miller são aquilo que a inspiração diz que devemos estudar se quisermos dar a mensagem do terceiro anjo.

Disse Cristo: "Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me." Disse ainda: "Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarás em trevas." A luz da verdade vai adiante como uma lâmpada ardente, e aqueles que amam a luz não andarão em trevas. Eles estudarão as Escrituras, para que saibam com certeza que estão ouvindo a voz do verdadeiro Pastor, e não a de um estranho.

Os que estão empenhados em proclamar a mensagem do terceiro anjo estão examinando as Escrituras segundo o mesmo plano que o Pai Miller adotou. No pequeno livro intitulado "Visões das Profecias e Cronologia Profética", o Pai Miller apresenta as seguintes regras simples, mas inteligentes e importantes, para o estudo e a interpretação da Bíblia:

'1. Cada palavra deve ter sua devida relação com o assunto apresentado na Bíblia; 2. Toda a Escritura é necessária e pode ser compreendida por meio de aplicação e estudo diligentes; 3. Nada revelado na Escritura pode ou será oculto dos que pedirem com fé, sem duvidar; 4. Para entender a doutrina, reúna todas as passagens das Escrituras sobre o assunto que você deseja conhecer; então deixe que cada palavra tenha sua devida influência; e, se você puder formular sua teoria sem contradição, você não pode estar em erro; 5. A Escritura deve ser sua própria expositora, pois é regra em si mesma. Se eu depender de um mestre para me explicar, e ele conjecturar o seu significado, ou desejar que seja assim por causa de seu credo sectário, ou para ser tido por sábio, então sua conjectura, desejo, credo ou sabedoria é a minha regra, e não a Bíblia.'

O que foi exposto acima é uma parte dessas regras; e, em nosso estudo da Bíblia, todos faremos bem em observar os princípios apresentados.

A fé genuína está fundada nas Escrituras; mas Satanás emprega tantos artifícios para torcer as Escrituras e introduzir o erro, que é necessário grande cuidado se alguém deseja saber o que elas de fato ensinam. É um dos grandes enganos deste tempo dar demasiada ênfase ao sentimento e alegar honestidade enquanto se ignoram as declarações claras da palavra de Deus, porque essa palavra não coincide com o sentimento. Muitos não têm outro fundamento para sua fé senão a emoção. Sua religião consiste em empolgação; quando esta cessa, sua fé se vai. O sentimento pode ser palha, mas a palavra de Deus é o trigo. E 'que é', diz o profeta, 'a palha para o trigo?'

Ninguém será condenado por não dar ouvidos à luz e ao conhecimento que nunca tiveram e que não puderam obter. Mas muitos recusam obedecer à verdade que lhes é apresentada pelos embaixadores de Cristo, porque desejam conformar-se ao padrão do mundo; e a verdade que alcançou o seu entendimento, a luz que brilhou na alma, os condenará no Juízo. Nestes últimos dias temos a luz acumulada que vem brilhando ao longo de todas as eras, e seremos responsabilizados em conformidade. A vereda da santidade não está no mesmo nível do mundo; é um caminho elevado. Se andarmos nesse caminho, se correremos na vereda dos mandamentos do Senhor, veremos que 'a vereda dos justos é como a luz resplandecente, que brilha mais e mais até ser dia perfeito'. Review and Herald, 25 de novembro de 1884.

Você pode ler com mais detalhes sobre as regras de William Miller no artigo intitulado William Miller, na categoria Chaves Proféticas.

Em "nosso estudo da Bíblia faremos todos bem em observar os princípios expostos" dentro das regras de interpretação profética de "Padre Miller". Ao chifre do Protestantismo foi dado o documento sagrado que chamamos de Bíblia, e também lhe foi dada a responsabilidade de defender e promover os princípios nela contidos, e ao chifre protestante foi igualmente dado um conjunto de regras para interpretar corretamente o significado e a intenção dos documentos sagrados.

O chifre do Republicanismo recebeu um documento sagrado que chamamos de Constituição e também a responsabilidade de defender e promover os princípios nele contidos. O chifre republicano também recebeu um conjunto de regras para dividir corretamente o significado e a intenção dos documentos sagrados. O conjunto de regras dado para dividir corretamente a Constituição é a Declaração de Direitos, que consagra o propósito mais importante da Constituição nas primeiras regras da Declaração de Direitos. A Primeira Emenda listada na Declaração de Direitos é a liberdade de religião, de expressão, de fala e de imprensa.

"O Congresso não fará nenhuma lei relativa ao estabelecimento de uma religião, nem proibirá o livre exercício desta; nem cerceará a liberdade de expressão ou de imprensa; nem o direito do povo de se reunir pacificamente e de apresentar petições ao Governo para a reparação de agravos." Constituição dos Estados Unidos, Emenda I

A lei dominical é um ataque aberto contra o primeiro ponto da Constituição, que garante a liberdade de religião, a qual é eliminada pela lei dominical, marcando assim o fim da Constituição, o fim dos Estados Unidos como o sexto reino da profecia bíblica e o início da perseguição contra os que então proclamam a mensagem do terceiro anjo em alto clamor. Os que proclamam o alto clamor do terceiro anjo e protestam contra a destruição da Primeira Emenda e da Constituição são perseguidos por aqueles que deveriam estar sustentando e aplicando as regras sagradas, as quais defendem o documento sagrado que eles foram ordenados a defender. Isto é uma ilustração de entender e aplicar as histórias paralelas dos dois chifres da besta terrestre semelhante a um cordeiro. Os Pais Fundadores da Constituição estão em paralelo com o Pai Miller. O termo Pai usado para Miller é empregado para designar um líder, não um padre papista. A Bíblia proíbe chamar de pai homens que professam ser guias espirituais. Os mileritas levam o nome de seu pai, como frequentemente ocorre. Ignorar essa distinção é perder parte do que a mensagem de Elias significa, quando converte o coração dos pais aos filhos e vice-versa.

Os Estados Unidos em Isaías vinte e três são o sexto reino da profecia bíblica e assim permanecem até que revoguem sua Constituição por ocasião da lei dominical que se aproxima rapidamente. O sexto reino governa por setenta anos proféticos, que são os dias de um rei. O reino (um rei é um reino) que governou por setenta anos foi a Babilônia. Durante os setenta anos, o chifre do Estado era o governo da Babilônia, e o chifre da igreja, os Caldeus. Daniel, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego representam os cento e quarenta e quatro mil. Ambos os chifres e o povo de Deus estão representados no testemunho de Daniel. Os setenta anos de cativeiro na Babilônia foram os

dias de um rei que Isaías emprega para identificar que a história profética dos Estados Unidos e a história do Adventismo vão de 1798 até a lei dominical.

Ao identificar que a linha da história profética para ambos os chifres dos Estados Unidos nos permite considerar o fim e o começo, com os dois chifres servindo de testemunhas para identificar a característica do outro chifre. Afinal, os chifres eram iguais. Em Daniel havia chifres, alguns quebrados, com chifres que cresceram do chifre quebrado. Alguns chifres em Daniel não tinham o mesmo tamanho uns dos outros, surgindo mais tarde do que os outros. Não é assim com os dois chifres dos Estados Unidos. Esses dois chifres correm paralelos um ao outro ao longo da mesma história e produzem os mesmos marcos, embora sejam diferentes entre si quanto ao seu propósito. Há ressalvas dentro dessa história que também são importantes de compreender.

No início do Adventismo, houve uma mudança da história profética representada pela igreja de Filadélfia para a igreja de Laodiceia. Portanto, no fim, deve haver uma mudança a partir da história profética de Laodiceia. A Revelação de Jesus Cristo inclui a luz desse entendimento, e isso faz parte do que está sendo deslacrado neste tempo.

E "após o fim de setenta anos" o papa "cantará" e a "esquecida" "meretriz" será lembrada. Ela é "lembrada" na lei dominical, onde a questão é entre a adoração do sol, ou a adoração do dia que a lei de Deus informou à humanidade para "se lembrar".

Neste artigo, identificamos que a história do governo de setenta anos da Babilônia tipifica a história dos Estados Unidos de 1798 até a lei dominical. Em um artigo anterior e frequentemente nas Tabelas de Habacuque, identificamos que o cativo no Egito e a libertação dele também tipificam a história dos Estados Unidos e do povo de Deus. Essas quatro histórias — Babilônia, Egito, Adventismo e os Estados Unidos — não são as únicas linhas que podemos colocar sobre essas linhas, mas, quando aplicamos a regra da primeira menção a essas quatro linhas, é absolutamente impressionante. Encerrarei este artigo com uma ilustração simples e parcial do que quero dizer e do que pretendo continuar quando voltarmos a abordar a história de Isaías vinte e três em outro momento.

A história de Babilônia começa com um rei convertido e termina com um rei ímpio. Não importa se fosse Biden ou Trump, pois o livro de Daniel ensina que é Deus quem estabelece governantes e os depõe. O que se pode afirmar com certeza sobre um líder, seja ele democrata ou republicano, no tempo da lei dominical, é que ele será um líder ímpio. Nabucodonosor era Babilônia; era o tirano de Babilônia, disposto a lançar três homens bons no fogo. Mas ele acabou se convertendo ao Deus de Daniel. Não foi assim com o último líder, Belsazar. Ele era um rei ímpio. Os Estados Unidos, na profecia, começam como um cordeiro, símbolo de Cristo e de Seu sacrifício pela humanidade. No fim, os Estados Unidos falarão como um dragão. A mudança de Cristo para Satanás nessa linha da história é representada pela diferença entre Nabucodonosor e Belsazar.

Foram-lhe dadas muitas oportunidades de conhecer e fazer a vontade de Deus. Ele tinha visto seu avô Nabucodonosor banido do convívio dos homens. Tinha visto o intelecto no qual o orgulhoso monarca se gloriava ser tirado por Aquele que lho dera. Tinha visto o rei expulso do seu reino e feito companheiro das feras do campo. Mas o amor de Belsazar pelos divertimentos

e pela autoexaltação apagou as lições que ele jamais deveria ter esquecido; e cometeu pecados semelhantes aos que trouxeram juízos exemplares sobre Nabucodonosor. Desperdiçou as oportunidades bondosamente concedidas, deixando de aproveitar as que estavam ao seu alcance para conhecer a verdade. 'Que devo fazer para ser salvo?' era uma pergunta que o grande, mas insensato, rei ignorou com indiferença. Bible Echo, 25 de abril de 1898.

Observe que o ímpio Belsazar era o rei insensato. Ele sofreu o mesmo juízo que seu pai Nabucodonosor, pois ambos os juízos foram representados como os "sete tempos" de Levítico vinte e seis. Nabucodonosor ficou nos campos vivendo como uma besta por dois mil quinhentos e vinte dias, o que corresponde a sete anos bíblicos, e o juízo de seu filho Belsazar, que foi escrito na parede, também representa dois mil quinhentos e vinte. A diferença foi que o juízo contra Nabucodonosor o converteu e o tornou um rei sábio, ao passo que o juízo de Belsazar recaiu sobre o rei insensato.

"Ao último governante da Babilônia, como, em figura, ao seu primeiro, chegara a sentença do Vigilante divino: 'Ó rei, . . . a ti se diz; O reino foi tirado de ti.' Daniel 4:31." Profetas e Reis, 533.

A escrita na parede para o último presidente é a Primeira Emenda, que identifica o "muro" de separação entre Igreja e Estado, o qual o derradeiro rei insensato não compreende. Os "sete tempos" de Levítico vinte e seis representam uma "dispersão do povo" que é realizada pelo rei do norte na lei dominical. Essa dispersão é a ruína nacional que se segue à lei dominical. A sexta nação esqueceu as lições de seus pais fundadores, que redigiram a Constituição para proteger não apenas de uma igreja corrupta, mas também dos reis europeus tirânicos com os quais a mulher corrupta se deitou. Os pais fundadores representam aqueles que rejeitaram o papado e os reis da Europa, pois sabiam, por sua própria experiência, depois de saírem de uma dispersão de mil duzentos e sessenta anos de trevas papais, que as proteções contra esse tipo de tirania deveriam ser a peça central de sua nova Constituição. Eram pais sábios, eram mansos como cordeiros, mas não será assim com o último pai, pois ele falará como um dragão. Os pais saíram de uma dispersão e o filho volta para uma dispersão. O tirano, em ambos os casos, é o primeiro papado e o último papado.

O símbolo do juízo sobre Nabucodonosor, o primeiro rei, e sobre o último rei, Belsazar, foi a dispersão dos "sete tempos" de Levítico vinte e seis. Nabucodonosor a viveu, e Belsazar a teve escrita na parede como seu epitáfio na mesma noite em que morreu. O símbolo do chifre republicano no início foi sua fuga do cativeiro do rei do norte, e o símbolo do chifre republicano no seu fim é o cativeiro trazido pelo rei do norte. A lei dominical é a "mesma noite" em que ele morre como o sexto reino da profecia bíblica. Em todas as quatro ilustrações — Belsazar, Nabucodonosor, e o começo e o fim do chifre republicano — o vinte e cinco de Levítico vinte e seis é o símbolo representado no começo e no fim. Isso representa a assinatura de Alfa e Ômega.

A primeira "profecia de tempo" que William Miller descobriu foi a dos 2.520 de Levítico 26. Foi a primeira pedra no fundamento que Jesus estabeleceu por meio da obra de Miller. Também foi a primeira verdade fundamental que foi posta de lado pelo Adventismo em 1863. Quando todas as

pedras de verdade de Miller foram colocadas no fundamento, essas verdades foram representadas nas duas tábuas de Habacuque, que são os quadros pioneiros de 1843 e 1850. Essas duas tábuas representam a relação de aliança entre Deus e Seu povo denominado, assim como as duas tábuas dos Dez Mandamentos representavam a aliança com o antigo Israel.

No fim do adventismo laodiceano, quando ele é vomitado da boca do Senhor por ocasião da lei dominical, a escrita na parede consiste naqueles dois quadros pioneiros sagrados. Quadros que eles não conseguem ler, pois recusaram-se a ser beneficiados pela mensagem de advertência no início de sua história....

A crise financeira de 1837 nos Estados Unidos foi um evento complexo desencadeado por uma combinação de fatores econômicos, políticas e atividades especulativas.

Bolha especulativa: Nos anos que antecederam 1837, houve um boom especulativo em terras e investimentos, impulsionado em parte pela expansão do país para o oeste. A especulação fundiária, particularmente na fronteira oeste, levou a preços de terras inflacionados e endividamento excessivo.

Crédito fácil e empréstimos especulativos: Bancos e instituições financeiras estavam concedendo grandes quantidades de crédito e empréstimos, muitas vezes sem garantias adequadas. Esse fácil acesso ao crédito contribuiu para o frenesi especulativo e aumentou os riscos de instabilidade financeira.

Expansão excessiva dos bancos: Os bancos estavam expandindo suas operações rapidamente, frequentemente emitindo mais papel-moeda (notas bancárias) do que possuíam em espécie (ouro e prata) para lastreá-lo. Essa prática, conhecida como "wildcat banking", resultou em um excesso de moeda não regulamentada e não confiável em circulação.

Políticas Econômicas de Jackson: As políticas do presidente Andrew Jackson desempenharam um papel em agravar a crise. Ele emitiu a Circular da Moeda Metálica em 1836, que exigia que as terras públicas fossem compradas com moeda metálica (ouro e prata), em vez de papel-moeda. Isso levou a uma corrida para converter notas bancárias em moeda metálica, causando tensões financeiras e falências bancárias.

Fatores Internacionais: A crise nos Estados Unidos também foi influenciada pelas condições econômicas internacionais. Uma retração na economia britânica, de um importante parceiro comercial dos Estados Unidos, levou a uma redução da demanda por bens e exportações americanos. Isso, por sua vez, afetou as empresas americanas e contribuiu para as dificuldades econômicas.

Pânico e corridas bancárias: Em maio de 1837, uma série de choques financeiros, incluindo falências bancárias e contrações de crédito, levou a um pânico entre investidores e depositantes. Esse pânico desencadeou uma onda de corridas bancárias e uma severa contração do crédito.

Contração da oferta monetária: À medida que bancos faliram e o crédito se tornou mais restrito, a oferta monetária total na economia contraiu-se significativamente. Essa contração monetária

agravou as dificuldades econômicas e aprofundou a recessão. A combinação desses fatores levou a uma grave retração econômica, caracterizada por falências bancárias, desemprego, redução dos gastos dos consumidores e uma depressão econômica generalizada.

Nada temos a temer quanto ao futuro, exceto se nos esquecermos da maneira como o Senhor nos tem guiado e de Seus ensinamentos em nossa história passada. Esboços da Vida, 196.